

Voando baixo para a década de 90

NOENIO SPÍNOLA



Nos anos 70 o Brasil ensaiou várias mudanças na política externa: misturando o choque do petróleo com uma nova onda de substituição de importações, o governo Geisel abriu uma frente nuclear, outra com o Oriente Médio e outra mais ao reconsiderar as relações com o Terceiro Mundo. Mais pragmático, o governo Figueiredo não avançou tanto. Tampouco deu passos atrás relevantes. O governo Sarney desfez a cortina sobre a década dos 80 misturando um pouco do terceiro-mundismo dos anos 70 com a doutrina da Fundação Pedroso Horst, de intolerância com os banqueiros estrangeiros, um namoro sem lucros com a América Latina e uma linha ziguezagueante no comércio exterior. O programa nuclear morreu na praia de Angra, o terceiro-mundismo não deu frutos e a dívida cresceu como pedra no sapato.

A julgar pelos deslizes dos candidatos à Presidência da República, o Brasil entrará nos anos 90 ziguezagueando novamente, sem uma geopolítica firme nem uma percepção correta do que significam os pontos mais sensíveis do jogo bruto do poder no mundo. O candidato Fernando Collor de Mello, por exemplo, alinhou sua percepção do sensível Oriente Médio, à direita do primeiro ministro Yitzhak Shamir, provavelmente sem saber por que uma das vozes mais fortes na Likud — a de Ariel Sharon — prega a estratégia de não ceder “nem um milímetro” diante dos palestinos (cerca de 25 a 30% do eleitorado de Israel adota essa posição). O segundo nas listas de preferência do eleitorado, Leonel Brizola, é meio surdo ao mais liberal dos seus assessores, César Maia, e é capaz de apontar a Volkswagen como modelo de empresa pública. Responsável pelo imbroglio da dívida, o PMDB de Ulysses Guimarães ainda não deu nenhum sinal de ajuste ao mundo que nos espera: suas bases mais radicais pressionam pelo Estado inchado, que faliu da Espanha franquista à Hungria comunista.

Entre o complexo e o simples, é muito provável que a campanha

para a Presidência entre na Televisão com a dívida externa como um dos seus cavalos de batalha. É fácil falar no assunto. A título de colaboração, eis as conclusões de uma mesa-redonda realizada em Nova Iorque com um grupo de peritos financeiros, responsáveis por carteiras de fundos de investimento de alguns bilhões de dólares. O cenário que espera o Brasil nos anos 90 será mais ou menos assim:

1. O investidor médio será uma instituição global, operando em larga escala no mundo, e não em um país determinado. (Menos nacionalismo e, portanto, menos capacidade dos governos nacionais influir nos fluxos financeiros.)

2. Os fundos com ativos múltiplos serão a regra (diversificando os riscos dos investimentos.)

3. A quantidade de dinheiro em giro nessas carteiras será de bilhões de dólares, e os melhores traders estarão sentados diante de terminais eletrônicos. (O vídeo-game da poupança não reconhecerá o choro de governos anêmicos.)

Este é o cenário que espera o Brasil nos anos 90

4. Em todo o mundo, os traders do dinheiro irão pular de bolsas em bolsas, girando com suas massas financeiras para a melhor oportunidade e o menor risco. (Terá mais chances quem se internacionalizar mais. Terá menos chances quem for mais provinciano.)

5. As culturas baixas irão expulsar as cabeças dos melhores traders aparelhados em matemática financeira para as culturas altas. (Culturas políticas protecionistas serão exportadoras de cérebros.)

6. Os negócios com commodities (ouro, café, petróleo, gás, grãos) serão integrados com os de ações. O mercado spot (à vista) será considerado “selvagem” pela falta de leis, regras, fiscalização.

É provável que os peritos da Prudential-Bache, Mint, Tudo e Dubin, que desenharam esse cenário, estejam enganados sobre o futuro. Porém é mais provável que quem insistir em tratar a questão da dívida e da reinserção do Brasil no mercado mundial de capitais como uma questão de “crédito” no modelo antigo esteja ainda mais fora de foco.

Noenio Spínola é editorialista do Estado.